

16 a 31 de janeiro de 2018

As principais informações da
economia mundial, brasileira e baiana

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Na segunda quinzena de janeiro, os destaques da conjuntura nacional foram: desaceleração do IGP-M; saldo negativo de postos de trabalho; redução do desemprego; queda no faturamento da indústria; redução do crédito; aumento da inadimplência; crescimento real da arrecadação de impostos; déficit na previdência social; aumento da dívida pública; déficit menor em transações correntes.

Na economia internacional os destaques foram: FMI melhora projeção de crescimento global; crescimento do PIB americano desacelera; aumento da produção industrial americana; aumento da atividade econômica na Zona do Euro; alta no PIB e queda nos investimentos da China; manutenção da política monetária do Japão.

IGP-M sobe 0,76% em janeiro frente 0,89% em dezembro de 2017

O Índice Geral de Preços - Mercado (IGP-M) desacelerou a alta para 0,76% em janeiro ante 0,89% em dezembro do ano passado, divulgou a Fundação Getulio Vargas (FGV). Com isso, o indicador da FGV reduziu a queda em 12 meses de 0,52% em dezembro para deflação de 0,41% no acumulado até janeiro. Entre os três indicadores que compõem o IGP-M, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA-M) saiu de 1,24% para 0,91%; o Índice de Preços ao Consumidor (IPC-M) subiu de 0,30% para 0,56%, e o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC-M) acelerou de 0,14% para 0,28% (A TARDE, 30/01/2018).

Brasil perde 20 mil vagas de emprego formal em 2017

O Ministério do Trabalho divulgou o fechamento de 328.539 vagas com carteira assinada em dezembro segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). No ano, o saldo ficou negativo em 20.832 vagas — resultado de 14.635.899 admissões e 14.656.731 desligamentos. Apesar de negativos, os números de dezembro são os melhores para o mês desde 2007 — quando houve perda líquida de 319.414 vagas. Os dados também mostram que, embora o país tenha terminado o ano com saldo negativo no número de empregados, houve uma melhora em relação aos anos de 2015 e 2016. Em 2016, a perda de empregos foi de 1.326.558. Em 2015, o saldo negativo foi ainda maior, 1.534.989 empregos fechados (*VALOR*, 26/01/2018).

Brasil fecha 2017 com desemprego menor

A taxa de desemprego no Brasil caiu ligeiramente em 2017, mas a melhora foi sustentada pela informalidade diante da gradual recuperação da atividade econômica depois da recessão que marcou o país. A taxa de desemprego ficou em 11,8% no quarto trimestre do ano passado, comparado com 12,4% no terceiro, informou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), marcando a nona queda seguida. No final de 2016, a taxa havia ficado em 12,0%. Entre outubro e dezembro, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua mostrou que o contingente de pessoas desempregadas no país alcançou 12,3 milhões, 5,0% a menos em comparação com os três meses anteriores e estável sobre o mesmo período do ano anterior. O levantamento também mostrou que o Brasil tinha 92,1 milhões de pessoas ocupadas, alta de 0,9% sobre o terceiro trimestre e de 2,0% ante o quarto trimestre de 2016. O emprego informal continuou sendo o destaque para a melhora do cenário. No quarto trimestre, o emprego sem carteira assinada subiu 1,9% sobre o período anterior, para 11,115 milhões de pessoas. Sobre 2016, o salto foi de 5,7%. O emprego com carteira subiu 0,1% sobre o terceiro trimestre, somando 33,3 milhões de trabalhadores, mas caiu 2,0% em relação ao quarto trimestre de 2016. O IBGE informou ainda que o rendimento médio do trabalhador chegou a 2.154 reais no último trimestre do ano, frente 2.134 reais entre julho e setembro e 2.120 reais no mesmo período de 2016 (*REUTERS*, 21/01/2018).

Faturamento real da indústria cai 0,6% em novembro

Após dois meses consecutivos de crescimento, o faturamento industrial voltou a cair em novembro de 2017, de acordo com dados divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Na comparação com o mês anterior – e excluindo os efeitos de calendário –, as vendas das fábricas brasileiras caíram 0,6% no penúltimo mês do ano passado. Ainda assim, o volume

faturado em novembro pelo setor foi 5,3% superior ao registrado no mesmo mês de 2016. Mas, considerando as vendas de janeiro a novembro de 2017, o desempenho foi 0,7% inferior ao do mesmo período do ano anterior. Apesar do menor faturamento, houve melhora na quantidade de horas trabalhadas na indústria em novembro, com alta de 0,6% em relação a outubro, o que reverteu a queda na mesma intensidade registrada no mês anterior. Em relação a novembro de 2016, houve uma alta de 0,4% nas horas trabalhadas. Mas, no acumulado de 2017 até novembro, o tempo de trabalho na produção foi 2,3% menor que o verificado no mesmo período do ano anterior. Em novembro, a Utilização da Capacidade Instalada (UCI) no parque industrial brasileiro evoluiu 0,6 ponto percentual, passando de 77,7% para 78,3% (de acordo com dado ajustado). Em novembro de 2016, a UCI estava em 76,2% (EXAME 16/01/2018).

Crédito no Brasil cai em 2017, afetado por menor financiamento a empresas

O estoque total de crédito no Brasil encolheu 0,6% em 2017, a 3,086 trilhões de reais, segundo resultado seguido no vermelho e influenciado, sobretudo, pela queda nos financiamentos voltados às empresas, em meio à lenta recuperação da atividade econômica após a recessão. Com isso, o crédito passou a representar 47,1% do Produto Interno Bruto (PIB), divulgou o Banco Central. Para o ano passado, o Banco Central previa contração de 1,0% do estoque após a queda de 3,5% em 2016. Enquanto o saldo geral de financiamentos para pessoas físicas subiu 5,6% em 2017, entre as companhias houve recuo de 7,0%. Olhando apenas para o crédito direcionado, linha fortemente impactada pelas operações junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o tombo no estoque de crédito para pessoas jurídicas foi de 11,6% em 2017, enquanto as concessões caíram 17,6%. O movimento refletiu tanto a mudança na postura do BNDES, cujos desembolsos no ano passado ficaram em níveis historicamente baixos, quanto a cautela das empresas e dos bancos em fazer operações de empréstimos com a recuperação econômica ainda ganhando tração. E isso se deu apesar do barateamento nas condições de financiamento, por conta dos sucessivos cortes que o Banco Central fez na Selic e que a levou para a mínima histórica de 7,0%. Em 2017, os juros médios no segmento de recursos livres – em que as taxas são livremente definidas pelas instituições financeiras – caíram 11,9 pontos percentuais, alcançando 40,3% em dezembro. Ainda segundo o BC, a inadimplência no segmento de recursos livres caiu sobre novembro a 4,9% e encerrou o ano com recuo de 0,8 ponto percentual. Trata-se do menor patamar desde setembro de 2015, quando também ficou em 4,9% (REUTERS, 29/01/2018).

Arrecadação de impostos tem alta real em 2017

A arrecadação federal de impostos registrou uma alta real de 4,93% no mês passado, comparado a dezembro de 2016 ao totalizar R\$ 137,842 bilhões. Os números foram divulgados

pela Receita Federal. O resultado foi o melhor para o mês desde 2014, considerando valores corrigidos pela inflação, quando foi apurado R\$ 138,954 bilhões. Sem correção inflacionária, a receita com impostos e contribuições teve alta de 8,02% em dezembro, em relação ao mesmo mês do ano passado, quando somou R\$ 127,607 bilhões. No ano, a arrecadação somou R\$ 1,342 trilhão, um aumento real de 0,59% sobre 2016. O resultado também é o melhor para o período desde 2015 (R\$ 1,394 trilhão) (*VALOR*, 26/01/2018).

Previdência tem déficit recorde em 2017

A Previdência social fechou 2017 com rombo recorde de 268,799 bilhões de reais em 2017, alta de 18,5% sobre o ano anterior, reflexo do aumento das despesas com o envelhecimento da população, divulgou a Secretaria da Previdência do Ministério da Fazenda. No Regime Geral da Previdência Social (RRPS), que engloba os trabalhadores da iniciativa privada, o déficit foi de 182,450 bilhões de reais no ano passado, elevação de 21,8% sobre 2016. Já no Regime Próprio de Previdência Social (RPPS), com servidores civis e militares da União, o déficit foi de 86,349 bilhões de reais, avanço de 11,9% na mesma base de comparação (*REUTERS*, 22/01/2018).

Dívida pública federal fecha 2017 com aumento recorde

A dívida pública federal subiu 14,3% em 2017, a 3,559 trilhões de reais, renovando seu recorde histórico e fechando o ano dentro do intervalo que havia sido fixado pelo governo, informou o Tesouro Nacional. O crescimento da dívida se deu fundamentalmente pela alta de 15,0% da dívida mobiliária federal interna em relação a 2016, a 3,435 trilhões de reais. A dívida pública federal externa, por sua vez, caiu pouco mais de 2,0% na mesma base de comparação, alcançando 123,79 bilhões de reais. No Plano Anual de Financiamento (PAF) para 2018, o Tesouro fixou novo intervalo de 3,78 a 3,98 trilhões de reais para o estoque geral da dívida. No ano passado, esse intervalo era de 3,45 trilhões a 3,65 trilhões de reais. Apenas em dezembro, a dívida pública federal subiu 1,89% sobre novembro, enquanto a dívida pública mobiliária interna teve aumento de 1,88% e a dívida externa avançou 1,96% (*REUTERS* 25/01/2018).

Brasil fecha 2017 com menor déficit em transações correntes

O Brasil fechou 2017 com déficit em transações correntes de 9,762 bilhões de dólares, melhor resultado em 10 anos, equivalente a 0,48% do Produto Interno Bruto (PIB), divulgou o Banco

Central. O desempenho foi o melhor desde 2007, quando houve superávit de 408 milhões de dólares, e ficou praticamente em linha com a expectativa do próprio Banco Central. O resultado foi determinado pelo desempenho da balança comercial, tanto pelo maior volume transacionado quanto por preços mais favoráveis de algumas commodities de peso na pauta brasileira, como minério de ferro e petróleo. Em 2017, o saldo comercial ficou positivo em 64,028 bilhões de dólares (*REUTERS*, 26/01/2018).

ECONOMIA INTERNACIONAL

FMI melhora projeção de crescimento global

O Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou para cima sua previsão para o crescimento econômico global em 2018 e 2019 dizendo que os cortes tributários nos Estados Unidos devem aumentar os investimentos na maior economia do mundo e ajudar seus principais parceiros comerciais. Entretanto, em uma atualização de seu relatório "Perspectiva Econômica Global", o FMI alertou que o crescimento dos EUA deve começar a enfraquecer após 2022, à medida que acabarem os incentivos de gastos temporários desencadeados pelas reduções de impostos. Os cortes de impostos provavelmente ampliarão o déficit em conta corrente dos Estados Unidos, fortalecerão o dólar e afetarão fluxos de investimentos internacionais, disse o economista-chefe do FMI, Maurice Obstfeld. O FMI revisou sua previsão para o crescimento global para 3,9% tanto para 2018 como para 2019, em uma mudança de 0,2 ponto percentual em relação a sua projeção de outubro. O documento também disse que a atividade econômica na Europa e na Ásia foi surpreendentemente mais forte do que o esperado no último ano, e que agora estima-se que o crescimento global de 2017 chegou a 3,7%, 0,1 ponto percentual a mais do que projetado em outubro (*REUTERS*, 22/01/2018).

Crescimento econômico dos EUA desacelera no 4º trimestre

O Produto Interno Bruto americano expandiu a uma taxa anual de 2,6% no quarto trimestre, em um avanço contido também por um ritmo modesto de acúmulo de estoques, informou o Departamento de Comércio. A economia cresceu a um ritmo de 3,2% no terceiro trimestre. A demanda doméstica saltou 4,6%, ritmo mais forte desde o quarto trimestre de 2014. As vendas finais para compradores domésticos privados avançaram 2,2% no terceiro trimestre. A economia cresceu 2,3% em 2017, mostrando aceleração frente os 1,5% de 2016. Os gastos do consumidor, que respondem por mais de dois terços da atividade econômica dos EUA, aumentaram a uma taxa de 3,8% no quarto trimestre. Esse foi o ritmo mais forte em três anos e seguiu-se a uma taxa de 2,2% no trimestre de julho a setembro. O aumento dos gastos do consumidor foi

saciado com importações, que cresceram 13,9% no quarto trimestre, nível mais rápido desde o terceiro trimestre de 2010, compensando o aumento das exportações. Como resultado, o comércio subtraiu 1,13 ponto percentual do crescimento do PIB no trimestre passado, maior número em um ano, depois de crescerem 0,36 ponto no terceiro trimestre. O investimento em estoques também restringiu o crescimento do PIB no quarto trimestre, subtraindo 0,67 ponto da produção depois de acrescentar 0,79 ponto no período anterior (REUTERS, 26/01/2018).

Produção industrial dos EUA tem maior alta anual em dezembro

A produção industrial dos Estados Unidos acelerou em dezembro para uma alta de 0,9% ante o mês anterior, informou o Federal Reserve (Fed). Na comparação anual, a produção industrial subiu 3,6%, o maior ganho nessa comparação desde 2010. O dado de novembro foi revisado de alta de 0,2% para declínio de 0,1%. Já no fechado do quarto trimestre, houve uma alta anual de 8,2% depois de interrupções no terceiro trimestre por causa dos furacões Harvey e Irma, destacou o Federal Reserve, o banco central americano. Na análise entre os segmentos industriais, o de mineração, que inclui extração de petróleo e gás natural, subiu 1,6% em dezembro na comparação com novembro e 11,5% ante um ano antes. Já o setor de manufatura, o maior componente dentro da produção industrial, avançou levemente a 0,1%, dando uma pausa nos avanços de 1,5% e 0,3% registrados em outubro e novembro, respectivamente. O uso de capacidade da indústria subiu em 0,7 ponto percentual, para 77,9% no mês passado (VALOR, 17/01/2018).

Crescimento da zona do euro atinge máxima de 10 anos em 2017

A economia da Zona do Euro expandiu em 2017 no ritmo mais rápido em uma década, mostraram dados preliminares, e a confiança permaneceu alta no início de 2018 apesar da leve queda da máxima de 17 anos. A agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat, estimou que o Produto Interno Bruto nos 19 países que usam o euro subiu 0,6% no quarto trimestre de 2017 sobre os três meses anteriores, com uma expansão de 2,7% na comparação anual. Em 2017 como um todo, o PIB da zona do euro cresceu 2,5%, disse a Eurostat, expansão mais forte desde a alta de 3,0% registrada em 2007. A Eurostat também revisou para cima o crescimento do terceiro trimestre, a 0,7% sobre o trimestre anterior de 0,6% informado anteriormente. Na comparação anual a revisão foi para 2,8%, de 2,6%. Separadamente, a Comissão Europeia informou que a confiança econômica na zona do euro caiu ligeiramente em janeiro a 114,7 da máxima de 17 anos de 115,1 alcançado em dezembro (REUTERS, 30/01/2018)

Empresas da Zona do Euro iniciam 2018 com forte ritmo de crescimento

As empresas da Zona do Euro iniciaram o ano com um desempenho muito melhor do que as expectativas, acelerando a atividade no ritmo mais rápido desde meados de 2006, mostrou a pesquisa Índice de Gerentes de Compras (PMI, na sigla em inglês). A melhora foi direcionada pelo forte desempenho no setor de Serviços, em que as novas encomendas aumentaram a uma taxa que não era vista há mais de uma década. Isso vai animar o Banco Central Europeu no momento em que avança na direção de uma política monetária mais apertada. O PMI do setor de Serviços subiu a 57,6% de 56,6% em dezembro, superando a expectativa de 56,4% e chegando ao nível mais alto desde agosto de 2007. Já o indicador da Indústria caiu a 59,6% em janeiro de 60,6% no mês anterior e expectativa de 60,3% (REUTERS, 24/01/2018).

Índice de preços ao consumidor na Zona do Euro apresenta alta em dezembro

O índice de preços ao consumidor (CPI, na sigla em inglês) na Zona do Euro foi de 0,4% em dezembro, na comparação mensal, e de 1,4% ao ano, de acordo com dados oficiais divulgados. O núcleo do CPI, que exclui os preços de energia e alimentos, considerados fatores voláteis, foi de 0,5% em relação a novembro, e de 0,9% ao ano. Excluindo tabaco, a alta do CPI em dezembro foi de 0,4% e de 1,3%, respectivamente (VALOR, 17/01/2018).

PIB da China acelera em 2017

A segunda maior economia do mundo cresceu a um ritmo estável nos últimos três meses de 2017, mas avançou 6,9% no ano, acima da expansão de 6,7% de 2016, informou o Instituto Nacional de Estatísticas. O melhor desempenho no comércio externo foi um dos fatores que beneficiaram a China em 2017. Os números revelam que o PIB cresceu 6,8% no período outubro-dezembro face ao mesmo período do ano anterior. Em termos sazonalmente ajustados, a economia cresceu 1,6% em relação ao trimestre precedente nos últimos três meses do ano, um ritmo levemente superior ao de 1,7% observado no terceiro trimestre. A produção industrial se acentuou levemente em dezembro, enquanto as vendas do varejo se suavizaram e o investimento em ativos manteve-se estável, mostraram os dados oficiais (VALOR, 18/01/2018).

Investimentos da China no exterior caem 29,4% em 2017

Os investimentos diretos não financeiros da China no exterior caíram 29,4% em 2017 em relação ao ano anterior, a US\$ 120 bilhões, segundo dados publicados pelo Ministério de Comércio do país. A queda veio após Pequim tomar medidas para restringir o que classificou de “investimentos irracionais”. Como parte de esforços para conter saídas de capital, o Conselho Estatal da China decidiu limitar investimentos externos nos setores imobiliário, hoteleiro, esportivo e de entretenimento. Apenas em dezembro, porém, houve alta de 49,0% nos investimentos externos da China na comparação anual, informou a instituição (*EXAME*, 16/01/2018).

Japão mantém política monetária

O banco central do Japão manteve a política monetária e fez uma avaliação mais positiva sobre as expectativas de inflação do que há três meses, sinalizando sua convicção de que o fortalecimento da recuperação irá gradualmente elevar os preços para sua meta de 2,0%. Em uma revisão trimestral de suas projeções, o banco central manteve a estimativa de crescimento econômico de 1,4% para o ano que começa em abril e de 0,7% para o ano seguinte. O conselho formado por nove membros também manteve a projeção de que a inflação atingirá 2,0% em torno do ano fiscal que termina em março de 2020 (*REUTERS*, 23/01/2018).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgado em 26 de janeiro, a mediana das projeções do IPCA para 2018 permaneceu em 3,95%. Para 2019, a previsão se manteve em 4,25%. Em relação ao comportamento do PIB no ano corrente, o mercado financeiro reduziu a expectativa de 2,70% para 2,66%. Em 2019, a estimativa de crescimento aumentou para 3,00%. As expectativas do mercado, para a segunda quinzena de janeiro de 2018, podem ser visualizadas nos dados do Relatório *Focus*, em parte, apresentadas na tabela a seguir.

Relatório Focus – Expectativas de Mercado

Expectativas do mercado						
Mediana – agregado	2018			2019		
	12 jan.	26 jan.	Comportamento	12 jan.	26 jan.	Comportamento
IPCA (%)	3,95	3,95	=	4,25	4,25	=
IGP-M (%)	4,44	4,50	▲	4,30	4,30	=
Taxa de câmbio – média do período (R\$/US\$)	3,31	3,30	▼	3,34	3,35	▲
Meta Taxa Selic – fim do período (% a.a.)	6,75	6,75	=	8,00	8,00	=
PIB (% do crescimento)	2,70	2,66	▼	2,80	3,00	▲
Produção Industrial (% do crescimento)	3,20	3,18	▼	3,00	3,00	=
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-28,35	-27,20	▲	-40,00	-40,00	=
Balança Comercial (US\$ bilhões)	53,00	54,50	▲	45,00	46,00	▲
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	80,00	80,00	=	80,00	80,00	=

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 26/1/2018.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
João Leão

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
Eliana Maria Santos Boaventura

DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS
Gustavo Casseb Pessoti

COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
Arthur Cruz

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES
Augusto Cezar Pereira Orrico

EDITORIA-GERAL
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Maria Luisa Gouveia

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO
Ludmila Nagamatsu



SECRETARIA DE
PLANEJAMENTO

